

**ANNE
DUFOURMANTELLE**

Inteligência do sonho

fantasias
aparições
inspiração



ANNE DUFOURMANTELLE

Inteligência do sonho

fantasias, aparições, inspiração

Tradução

Danielle Ortiz Blanchard

Paula Francisquetti



Estação Liberdade

Título original: *Intelligence du rêve. Fantômes, apparitions, inspiration*

© Éditions Payot & Rivages, 2012, 2024

© Editora Estação Liberdade, 2025, para esta tradução

Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO Valéria Jacintho

REVISÃO Raquel Silveira

SUPERVISÃO EDITORIAL Letícia Howes

EDITOR ASSISTENTE Luis Campagnoli

IMAGEM DE CAPA Cristina Conti/Alamy/Fotoarena

EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon

EDITOR Angel Bojadsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D911i

Dufourmantelle, Anne, 1964-2017

Inteligência do sonho : fantasias, aparições, inspiração / Anne Dufourmantelle ;
tradução Danielle Ortiz Blanchard , Paula Francisquetti. - 1. ed. - São Paulo : Estação
Liberdade, 2025.

144 p. ; 21 cm.

Tradução de: *Intelligence du rêve : fantômes, apparitions, inspiration*

ISBN 978-85-7448-325-2

1. Interpretação de sonhos. 2. Sonhos. 3. Simbolismo (Psicologia). I. Blanchard,
Danielle Ortiz. II. Francisquetti, Paula. III. Título.

25-99203.0

CDD: 154.63

CDU: 159.963.38



Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782

14/07/2025

15/07/2025

Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTÇÃO LIBERDADE LTDA.

Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda

01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180

www.estacauliberdade.com.br

A quien sabe lo que pueden los sueños

Sumário

I. Os sonhos

Em presença do sonho	13
Linha de frente	23
Grandes sonhos	29
Breve história das Maravilhas	33
A confissão	39
Uma herança cartesiana	41
Adversários	45
Modos operatórios do sonho	51
Nos arredores do trauma	63
Presságio	67

II. Da fantasia

Aparições	71
A fantasia e as fantasias	79
Duplo	85

III. A inteligência criadora

A inspiração	95
Intercessores: gênios, <i>daemon</i> e anjos	99
Apagamentos	107
Anunciações	109
Os inspirados	115
Visitação e infância	121
A contratempo	125
Lucidezes	129
O inesperado	133

I

Os sonhos

O homem, esse sonhador definitivo.

André Breton, em *Manifesto do Surrealismo*

*O sonho está na origem da criação, mas
ele não é a criação.*

Ele necessita uma conversão.

Jean Gillibert, em *Entretiens*

Em presença do sonho

Acreditamos viver em outro lugar que não aquele de nossos sonhos, mas façamos a hipótese inversa: nós nunca os deixamos, nossos sonhos zelam por nós.

O sonho é pura inteligência. A condição humana convida-nos à hospitalidade para com essa nova relação com o mundo que vem no sono ao nosso encontro. Nossa tarefa seria reconhecer que ele não é somente a cifra secreta de nosso desejo, mas que, em inteligência com o real, instrui nosso ser na noite de nossa sensibilidade.

O que pode o sonho é imenso. Reparar, rememorar, profetizar, escutar, advertir, aterrorizar, apaziguar, desvelar, liberar. E nos permitir esquecer.

O sonho é um modo singular de presença. O que ele deposita em nós dos seres vivos ou desaparecidos, animais, objetos, luzes, espaços, tem a força de uma aparição. A questão é saber se podemos acolhê-lo, alcançar uma proximidade com

o enigma onírico do mundo, se podemos admitir aquilo que o gênio do sonho exige: uma conversão.

Corres sobre um dique. Uma onda imensa avança no horizonte. A noite vem.

Talvez se sonhe com o único fim de experimentar isto: ser sobrevivente.

O sonho fecha o circuito de certo tempo de nossa vida para abrir outro. Ele é o sinal de que alguma coisa *acontece, está chegando*. Nem somente presságio, nem unicamente algo reprimido que escapou da censura, ele é portador desse *continuum* de vida dentro do qual é tão difícil projetar-se. Ele é uma representação de algo que a consciência ainda não pode formular para si senão em imagens... O universo onírico é tocado por esta estranheza extraída do coração de nossa realidade: esta paisagem, esta casa, esta pessoa, sim eu as reconheço e, no entanto, sua marca não é mais a mesma. Tornaram-se “os negativos” de um roteiro carregado de soluções mágicas ou maléficas que o pensamento pode desenvolver para aí descobrir sentido. Como no caso dos criadores cuja obra os precede, o sonho surge imediatamente antes de a transformação acontecer, antes de a crisálida se abrir. Ele é o revelador, por vezes dramático, por vezes maravilhoso, mas com frequência inquietante, daquilo que começa a vir se fazer presente para nós mesmos.

Não é a inteligência do sonho que faz nossa vida consciente assemelhar-se ao passo do cego ao longo de uma falésia? “Por que não esperaria eu do índice do sonho mais do que espero de um grau de consciência cada dia mais elevado?”, escreve Breton no *Primeiro manifesto do Surrealismo*. “O sonho também não pode ser aplicado à resolução das questões fundamentais da vida? [...] Eu acredito na resolução futura destes dois estados, em aparência tão contraditórios, que são o sonho e a realidade, em um tipo de realidade absoluta, uma sobre-realidade.”¹ Em aparência, sim. Foi dito que o sonho era uma potência fantasmática vinda para restabelecer uma verdade interdita, foi dito que ele vinha de criptas e de tumbas, que ele surgia do lugar mesmo da impotência, do medo, da crueldade, da vergonha. Fizeram-nos acreditar que podíamos adivinhar nossas paixões e nossos crimes em seus agenciamentos... É creditado a ele desde sempre uma clarividência que poderia nos salvar — quem sabe? — ou nos perder. Mas ao menos sabemos em que tempo opera o sonho? Ele é obra nossa ou dos presságios, vinda com a noite?

O sonho é um acontecimento: ele acontece, mas fora de alcance. Ele fala de nós, mas não é autorizado por nossa consciência, nem por nossa atenção, nem mesmo por nosso pensamento. O sonho surge e se apaga, ele nos distrai da vida

1. André Breton, *Premier Manifeste du surréalisme*, Paris, Ed. du Sagittaire, 1924. Reedição: A. Breton, *Œuvres complètes*, Paris, Gallimard, 1988.

desperta, mas também do sono, de sua viva profundidade. Ele é esta escapada, durante uma noite, que nenhuma força no mundo pode impedir.

Uma casa de infância. Tu descobres cômodos desconhecidos. Na soleira do último está escrito com giz: Veleiro.² Há um espaço entre as sílabas.

Fora do sonho, a vida e a morte voltariam a se reunir de borda a borda, sem espaço nem tempo para dizer o que, de maneira frágil, mas insistente, fala de onde estamos e permanece, para nós mesmos, desconhecido. O sonho abre a possibilidade de outra temporalidade, vertical, e que, entretanto, atravessa essa vida, esse tempo. O que seria uma vida que não contivesse nela a *outra vida*?

“Não se pode construir nuvens. Eis por que o futuro sonhado jamais se torna verdadeiro”, escreve Wittgenstein.³ O sonho é um futuro anterior que não prevê, mas reorganiza aquilo que acreditamos mudo ou sem possível, elaborando uma projeção em uma ação perdida. Ele age em nós um pouco como uma força que vem descosturar o passado e permitir habitá-lo de outra maneira, por vezes

2. Em francês, *voilier*, com espaço entre as sílabas, se equipara aos sons de *vê*; *voz*; *via* e *ligar*; *ligado*. Assim como remete a *voile*, vela, véu. [N.T.]

3. Ludwig Wittgenstein, *Remarques mêlées*, Paris, Flammarion, 2002.

com medo e violência. O sonho não diz o que vai chegar, ele inaugura um caminho outro. Se eu não sonho, não há em mim um lugar onde o tempo possa ser esperado. O tempo é como o sangue do sonho.

O sonho é um deslocamento da temporalidade, daquilo que funda finalmente, desde Kant, os limites nos quais a subjetividade é pensada.

Aquele que te olha se parece contigo. Ele não é nem hostil nem benevolente. Por que tens medo?

Muito cedo a humanidade pensou-se em seus sonhos. Trata-se do laço vital, civilizador, do relato na constituição de uma consciência coletiva, de uma comunidade. O que contar para aceitar estar junto? Sonhos, precisamente. Elucidá-los para tentar superar a divisão, os apetites diferentes. Um sonho não é necessariamente endereçado a um só sujeito. Ele tem essa força de poder ser compartilhado — outros além de mim puderam sonhá-lo. Aliás, os objetos do sonho parecem jamais nos pertencer propriamente, nossa identidade não está aí assegurada... O tema do duplo que a literatura e o cinema conjugaram tão especificamente provém provavelmente dessa duplicação originária do sujeito em sonho. O sonho reúne, no terror, o maravilhamento. Nós temos também por vezes os mesmos medos. Sonhamos começos, realizações. A pobreza de nossos sonhos diz também onde nos encontramos...

Certas civilizações hoje desaparecidas fizeram aliança com o sonho, o que supõe não se assustarem nem com a morte, nem com a infância. Os livros de sabedoria do Alto Império do Egito, da Mesopotâmia, da China Antiga, dos povos pré-colombianos, dos Vedas indianos, dos escritos bíblicos, como hoje as visões dos aborígenes, dos povos da Melanésia, da Amazônia, fizeram do sonho o berço no qual repousa o mundo. Os que são denominados xamãs mantiveram com o território do sonho, potencialmente infinito em seu desdobramento de sentido, de imagens, de percepções, uma proximidade que, sob nossas latitudes, perdemos. É próprio do xamanismo convocar interlocutores que supostamente não podem nos falar: objetos, defuntos, forças, símbolos, animais...

Um cavalo está afundado na neve até o pescoço. A neve o entrava, ele não pode mais avançar. A sensação de seu olhar te acorda. Teu pai morreu em Roma no fim da guerra, te disseram que ele não morreu do tiro inimigo, mas esmagado sob o peso de seu cavalo. Tens o mesmo nome dele.

O que dizer do animal que sonha, da árvore que sonha, da pedra que sonha? Derrida, em um de seus últimos seminários, questionava-se sobre o olhar do animal. A filosofia, e posteriormente a psicanálise, jamais se interessou pelo sonho do animal: ele infunde em nós, e nós não queremos saber de nada disso. O território do sonho certamente não lhe é

desconhecido, apenas guarda nele mesmo o mistério de sua linguagem. Ele não pode contar seus sonhos. O animal, esse sonhador infinito, é nosso enigma... E nós, quem dirá nossa condição de animal sonhador? Como se ser um ser falante fosse necessariamente ser convocado a se dizer sonhos...

Inicialmente, o sonho foi referido ao dom de profecia. Era um presságio divino ou diabólico, em todo caso uma mensagem. Associado às reminiscências e às imagens estelares, aos traçados decifrados na areia, aos voos de pássaros migratórios, ao caminho da luz, às entranhas de animais oferecidos em sacrifício, o sonho era a matriz do deus ou da natureza. Era necessário extraí-lo pela palavra, escutá-lo, compartilhá-lo, para elucidá-lo e livrar o sonhador da carga que ele representava. Em certo sentido, o sonho é contíguo à passagem ao ato, destinado à revelação do trauma... Como a passagem ao ato, o sonho vem elaborar uma figura no lugar do irrepresentável; ele conduz um roteiro pictográfico em comunhão com a verdade. Ele traz à tona o segredo.

Uma mulher está deitada por terra, ferida. Ela te pede para cuidar dela. Tu sabes que, se não tentares nada, ela vai morrer. Te estendem uma faca, é um brinquedo. Algumas semanas mais tarde, escapas de um acidente.

Os presságios têm uma função essencial. Eles mantêm separados o mundo dos vivos e o dos mortos, os mundos

divinos e monstruosos. Eles levam à interseção, ao deciframento, à leitura. Como se o sonho tivesse induzido, na história, nossa paixão por interpretação. Desde Homero, ele foi o objeto e o vetor de uma tradição hermenêutica. Porque ele é a presença tangível de uma radical alteridade de nosso ser, alteridade essa tão pouco ligada a ele, que foi possível supor o sonho vivendo sua própria vida em nós, neuronal ou espectral, mas em todos os casos estrangeira à consciência.

Há flores espalhadas sobre o solo. Elas revestem o solo e a sensação é a de caminhar sobre um corpo vivo. Tu ouves alguém te dizer: não te mexas mais senão tudo desaparecerá.

O sonho destila sua potência de visão nos entrelaçamentos do dia. É possível tornar alguém louco impedindo-o de sonhar; as câmaras de tortura souberam usar esse poder. É possível também salvar sua vida escutando seus sonhos a tempo... Pois o sonho tem com o tempo uma afinidade particular: ele o faz fracassar nos dando acesso a uma temporalidade outra. Freud diz que o inconsciente é *zeitlos*, que ele ignora o tempo. Não existe adequação entre o tempo em que se rememora e o sonho. Há uma liberdade do sonho em relação ao tempo, como há uma em relação à linguagem, ao desejo, à razão e até mesmo aos afetos. Essa liberdade é incomparável e é vital restituir-lhe sua dignidade. Era necessário que a psicanálise descobrisse que as pulsões (*Trieb*) chamam o sonho para si. Ela arrancava assim os sonhos das regiões do mito

que o queriam presságio ou encantação, oração e libertação, escolhendo ler aí não o destino de um indivíduo ou de um povo, mas o trajeto misterioso do desejo para um sujeito que prefere, como se sabe, sempre ignorá-lo.

Linha de frente

A linha do sonho é uma linha de frente. Ele é o mensageiro de uma guerra desconhecida.

Ir ao encontro de um sonho é aceitar atravessar as linhas inimigas antes de poder fazer aliança. É entrar em um território povoado dos vestígios de uma guerra passada em silêncio, cujos ecos fabricam a realidade presente e por vir. Nesse território os inimigos são nossos medos, nossos arranjos, nossas recusas, mas também nossas lealdades familiares, nossos condicionamentos sociais, a História que nos atravessa. Nele a guerra é um conflito entrincheirado da consciência do sujeito cuja identidade dos protagonistas lhe escapa, e cujos risco e causa ele ignora. O sonho é um ato de resistência nessa guerra. Ele informa o sonhador, arriscando sua vida psíquica, contornando as censuras e os interditos.

Aqui a linha de frente é a busca da verdade. Porque o sonho desloca radicalmente essa questão. Ele sinaliza por vias diferentes daquelas que o sonhador mobiliza habitualmente em sua vida: as razões que ele dá a suas escolhas, seus desejos,

seus temores. A verdade é sempre aquilo que receamos de pior. A abertura para a qual ela nos chama faz cair por terra nossos álibis, desculpas, tolices: ela nos aterroriza. É por essa razão que o pesadelo, prova de terror, deve ser apreendido não como o contrário da verdade, mas como sua tradução mais direta.

O recém-nascido está partido em dois por uma lâmina. Uma multidão em torno te impede de colocá-lo em teus braços. A criança começa a falar. Porque falou, sabes que ela está a salvo.

Não há sonho humano sem passagem à narração. A humanidade do sonho é tornar-se narração e, depois, sua transcrição literária. É, de certo modo, uma “onirografia”. Graças a um e ao outro, fazemos do sonho uma história que nos pertence.

As palavras que dizem o sonho parecem estrangeiras ao sonho, mas desvendam o sonhador. Contar um sonho, em certo sentido, é sonhar novamente. A narração inventa outra “fórmula onírica”, mesmo quando se fica o mais próximo possível das imagens sentidas durante a noite, e aquele que conta sabe disso... Cada versão altera e reinventa o sonho, visto que a marca, a impressão original do sonho de todo jeito já está perdida enquanto tal. Não há uma chave única para um sonho — como o sonho não é a chave de uma vida — pois seu objeto não tem verdade *originária*. Tudo se reconstitui em

nós sem cessar no movimento da rememoração; as palavras em que confiamos nosso sonho não o trairão, nem, em si mesmas, o revelarão; elas o inventarão, em parte, novamente, e nessa defasagem será dito o desejo. Não existe lembrança intacta, salvo, talvez, quando em um maravilhamento poético nos é restituído, perfeito, um momento de infância.

O sonho, nisso parecido com uma fita de Möbius, não tem borda. Nada que nele separe o exterior do interior. Ele trabalha tão bem com os acontecimentos da véspera quanto com uma história velha de mil anos, ele associa lembranças a pensamentos, emoções sedimentadas a impressões recebidas de alhures. Os fragmentos dos quais nos recordamos ao acordar, até os pesadelos que nos assombram durante muito tempo, constituem as peças de um quebra-cabeça que nos cabe completar ou não. E esse trabalho minucioso de condensação e de deslocamento, como descobriu Freud, produz sentido, mas segundo um protocolo não tão facilmente decifrável pela consciência. Ele costura e recorta, segundo traçados bem precisos, seguindo a via enigmática do desejo.

O sonho é uma escritura, ele é mesmo “uma obra”, escreve o amigo e discípulo de Freud, Nicolas Abraham, e

por definição a obra, assim presumida, estava fadada a permanecer muda, ilegível. Mas, à força de escuta, acontece que, pouco a pouco, versos, estrofes, até mesmo o poema todo, tomam corpo, destacam-se de

seu criador e liberam-no enfim em direção a novas obras. O poema decifrado cede lugar à poesia incessante. Tal é o trabalho da análise. Então, uma vez que ele se fez ouvir, o poeta levanta-se e vai em direção a outros destinos.¹

Berkeley, 1948. Na noite que precedeu a confrontação decisiva com C, eu sonhei. Ao acordar, retive as últimas palavras do sonho: “sou o mártir da felicidade”. Theodor W. Adorno.

O sonho gera imagens em profusão; algumas delas ficam gravadas em nós por longo tempo. Do desejo à angústia, do maravilhamento ao terror, elas figuram todo o registro da sensibilidade. A imagem é um entrelaçamento de percepção e de pensamento; o que a limita é a figuração própria do tempo. O espaço é uma das possibilidades que o sonho emprega para dizer o tempo, por meio do número. Para exprimir um acontecimento aos sete anos ou uma emoção a ele associada, o sonho pode “colocá-lo em espaço”, como se diria de um cenógrafo, de várias maneiras possíveis, por exemplo fazendo ressurgir a casa familiar habitada pelo sonhador aos sete anos, ou deixando aparecer o algarismo 7 uma ou mais vezes na sequência onírica, ou ainda designando um intervalo de sete medidas; as combinações são inesgotáveis e o rébus, jamais inteiramente decifrável. O gênio espacial do

1. N. Abraham e M. Torok, *L'Écorce et le noyau*, Aubier-Flammarion, 1978, p. 325-333.

sonho é sem limite. Sua tradução do tempo em espaço é de uma criatividade que transborda largamente com frequência as capacidades do sonhador. É preciso, portanto, supor-lhe uma inteligência soberana.